

# Aula 46 – Educação das Relações Étnico-Raciais (Leis 10.639 e 11.645)

## Objetivos de Aprendizagem

Ao final desta aula, você será capaz de:

1. **Analisar** o impacto histórico e social das Leis 10.639/03 e 11.645/08 na estrutura curricular brasileira.
2. **Implementar** práticas pedagógicas antirracistas fundamentadas na neurociência e no desenvolvimento socioemocional.
3. **Orientar** o corpo docente na seleção crítica de materiais didáticos e na desconstrução de estereótipos.
4. **Utilizar** indicadores de gestão baseada em dados para monitorar a equidade racial na instituição escolar.

## A Relevância para a Coordenação Pedagógica

A implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) não é apenas uma obrigatoriedade legal, mas um imperativo ético e pedagógico. Para o coordenador pedagógico, o desafio transcende a mera inclusão de datas comemorativas no calendário; trata-se de reestruturar a cultura escolar para garantir que todos os estudantes, independentemente de sua origem étnico-racial, encontrem na escola um espaço de pertencimento, segurança e potencialização de suas aprendizagens. Em um cenário educacional cada vez mais voltado para a personalização e o acolhimento, entender as dinâmicas raciais é fundamental para o sucesso escolar.



### Legislação

Leis 10.639/03 e 11.645/08



### Prática Pedagógica

Currículo e Didática



### Clima Escolar

Convivência e Antirracismo

## Roteiro da Aula

Nesta unidade, navegaremos por uma jornada que vai da fundamentação legal à prática de gestão:

01

### Contexto Histórico e Social

Do mito da democracia racial à necessidade de reparação.

02

### O Arcabouço Legal

Aprofundamento nas Leis 10.639/03 e 11.645/08.

03

### Neurociência e Preconceito

Como o cérebro constrói vieses e como a educação pode reconfigurá-los.

04

### Currículo Vivo

A transversalidade real além do "Dia da Consciência Negra".

05

### Gestão e Monitoramento

O papel do coordenador na cultura institucional e análise de dados.

## Conexão com a Aula Anterior

Na aula passada, discutimos a *Inclusão Escolar e Educação Especial*, onde aprendemos sobre a adaptação curricular para PCDs. Os princípios lá estudados — especialmente o respeito à diferença e a adaptação do ambiente às necessidades do aluno — são alicerces fundamentais para a discussão de hoje. O racismo, assim como o capacitismo, é uma barreira estrutural que impede o pleno desenvolvimento do estudante.

# Contextualização Histórica e Social

## A Desconstrução do Mito da Democracia Racial

Durante décadas, o sistema educacional brasileiro operou sob a falácia da "democracia racial", uma ideia disseminada de que a miscigenação no Brasil teria criado uma sociedade livre de racismo e barreiras raciais. No entanto, para o coordenador pedagógico, é crucial compreender que essa narrativa serviu para invisibilizar desigualdades profundas. A escola, historicamente, reproduziu um modelo eurocêntrico onde a história, a ciência e a cultura válidas eram apenas aquelas vindas da Europa, relegando os saberes africanos e indígenas ao folclore ou ao esquecimento.

Essa invisibilidade não é neutra; ela tem consequências pedagógicas diretas. Quando um currículo não reflete a identidade da maioria de seus estudantes — no caso do Brasil, uma população majoritariamente negra e parda —, cria-se um abismo entre o conteúdo ensinado e a realidade vivida.

O aluno que não se vê representado nos livros, nas narrativas de sucesso e na liderança escolar tende a desenvolver um senso de não pertencimento, o que impacta diretamente sua autoestima e seu desempenho cognitivo.

## O Papel da Escola na Reprodução ou Combate ao Racismo

A escola é um microcosmo da sociedade e, como tal, é perpassada pelas mesmas tensões sociais. Sem uma intencionalidade pedagógica ativa, a escola tende a reproduzir o racismo estrutural através de práticas sutis: na expectativa menor que se tem sobre o aluno negro, na punição mais severa aplicada a ele em comparação ao colega branco, ou na naturalização de apelidos pejorativos como "brincadeira". O silêncio da gestão diante desses fatos é, em si, uma lição pedagógica que ensina a permissividade com a discriminação.



### Silêncio Institucional

Omissão diante de práticas discriminatórias



### Currículo Oculto

Lições não escritas que perpetuam desigualdades



### Reprodução do Racismo

Estruturas que mantêm a exclusão

Portanto, a Educação das Relações Étnico-Raciais exige uma postura de vigilância epistemológica e social. Não basta não ser racista; é necessário que a gestão escolar seja, como propõe Angela Davis, **antirracista**. Isso implica revisar processos, questionar a ausência de negros e indígenas em posições de destaque nos materiais didáticos e intervir proativamente em conflitos raciais, tratando-os como oportunidades educativas e não apenas disciplinares.

**NOTA IMPORTANTE:** As análises sociológicas e históricas apresentadas nesta seção baseiam-se no acumulado teórico até 2025. A compreensão sobre racismo estrutural e institucional continua evoluindo, sendo recomendada a leitura contínua de autores contemporâneos da área.

# O Marco Legal: Lei 10.639/03

## A Alteração na LDB e o Significado Político

A sanção da Lei nº 10.639, em 9 de janeiro de 2003, não foi apenas um ato administrativo, mas uma vitória histórica do Movimento Negro brasileiro. Ela alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9.394/96), tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Para o coordenador, é vital entender que essa lei não pede a criação de uma disciplina isolada, mas sim a integração desses conteúdos em todo o currículo escolar, com destaque para as áreas de Educação Artística, Literatura e História.



### 9 de Janeiro de 2003

Sanção da Lei 10.639



### Alteração da LDB

Lei 9.394/96 modificada



### Obrigatoriedade

História e Cultura Afro-Brasileira

O objetivo da lei é reparar uma distorção histórica: o apagamento da contribuição africana na construção da nação brasileira. Não se trata apenas de falar sobre a escravidão — embora isso seja necessário —, mas de resgatar a história da África antes da invasão colonial, a tecnologia, a filosofia, a matemática e a organização social dos povos africanos. A lei visa reposicionar o negro de "objeto" da história (escravo) para "sujeito" ativo (construtor da sociedade, da economia e da cultura).

## Diretrizes Curriculares Nacionais para a EREER

Para operacionalizar a Lei 10.639/03, o Conselho Nacional de Educação emitiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Este documento é a "bíblia" do coordenador pedagógico neste tema. Ele estabelece que o ensino deve promover a educação de cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial e capazes de interagir positivamente com a diversidade.

As Diretrizes orientam que a escola deve desconstruir a imagem do negro associada apenas à subalternidade ou ao samba e futebol. É dever da coordenação garantir que o planejamento dos professores inclua cientistas, escritores, líderes políticos e inventores negros.

Isso exige um esforço de formação continuada, pois a maioria dos professores em exercício não teve acesso a esses conhecimentos em sua formação inicial. A gestão pedagógica deve, portanto, prover os recursos e o tempo necessários para esse letramento racial docente.

### Educação Artística

Estética negra, arte africana contemporânea, expressões culturais

### Literatura

Autores negros, narrativas afro-brasileiras, oralidade

### História

África pré-colonial, diáspora, contribuições civilizatórias

**NOTA IMPORTANTE:** As referências à Lei 10.639/03 e às Diretrizes Curriculares Nacionais estão atualizadas conforme a legislação vigente em 2025. Consulte sempre o site do Planalto ou do MEC para verificar possíveis emendas ou novas resoluções do Conselho Nacional de Educação.

# O Marco Legal: Lei 11.645/08 e a Questão Indígena

## Ampliando a Inclusão: A Obrigatoriedade da História Indígena

Cinco anos após a primeira alteração, a Lei nº 11.645/08 veio para complementar a LDB, incluindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas. Esta lei enfrenta um desafio pedagógico talvez ainda mais complexo: combater a visão folclorizada e estereotipada do indígena, muitas vezes retratado nos livros didáticos como um ser do passado, parado no tempo, vivendo exclusivamente na floresta e em 1500.

### Visão Estereotipada

- Indígena como figura do passado
- Cultura estática e folclorizada
- "O índio" genérico e homogêneo
- Apenas na floresta, apenas em 1500

### Visão Contemporânea

- Povos indígenas atuais e dinâmicos
- Diversidade de centenas de etnias
- Presença urbana e acadêmica
- Lutas políticas e territoriais

Para a coordenação pedagógica, o ponto central aqui é a atualização conceitual. O ensino deve abordar os indígenas contemporâneos, suas lutas pela terra, sua presença nas universidades, nas cidades e na política. É necessário ensinar que não existe "o índio" genérico, mas sim centenas de etnias (como Guarani, Yanomami, Pataxó, Tikuna), cada uma com sua língua, cosmologia e organização social distintas. A lei exige que a escola mostre a contribuição desses povos nas áreas de medicina, agricultura, gestão ambiental e linguística.

## A Diversidade dos Povos Originários no Currículo

A aplicação da Lei 11.645/08 requer que o coordenador incentive os professores a abandonarem o "Dia do Índio" (termo inclusive em desuso, preferindo-se "Dia dos Povos Indígenas") caracterizado por cocares de papel e pinturas no rosto, que muitas vezes beiram o desrespeito cultural. Em vez disso, a proposta é estudar a literatura indígena contemporânea, convidar representantes de comunidades para palestras (presenciais ou virtuais) e entender a complexidade das questões fundiárias atuais.



### Medicina Tradicional

Conhecimento farmacológico e botânico milenar que contribui para a ciência moderna



### Agricultura Sustentável

Técnicas de manejo da terra e cultivo que respeitam o meio ambiente



### Diversidade Linguística

Centenas de línguas vivas que enriquecem o patrimônio cultural brasileiro

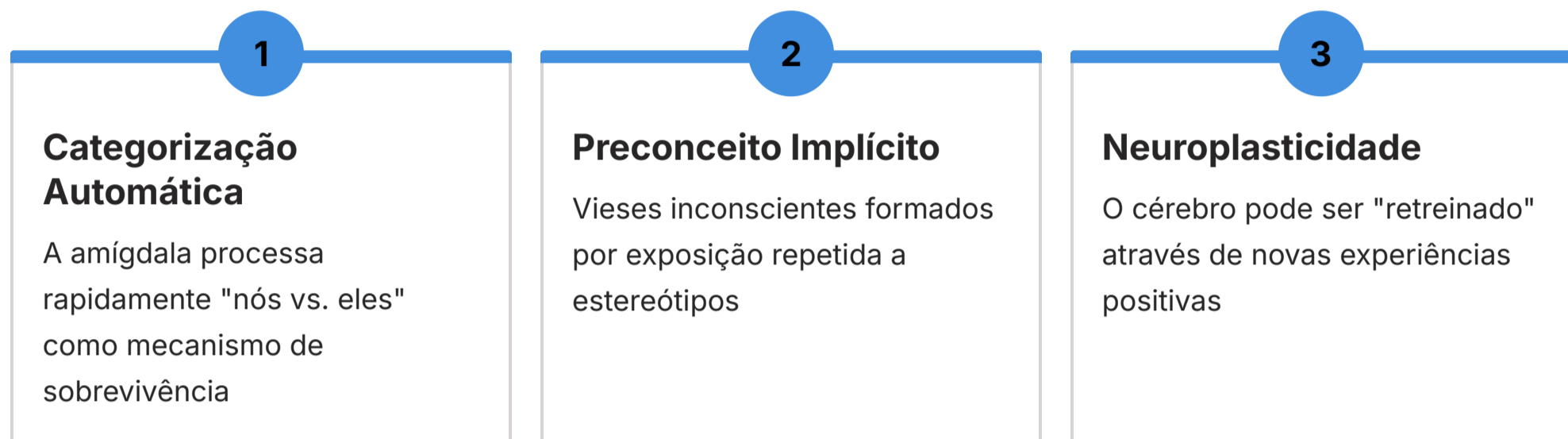
Além disso, é fundamental abordar a presença indígena no contexto urbano. Muitos estudantes podem ter ascendência indígena ou serem indígenas vivendo na cidade sem que sua identidade seja reconhecida ou valorizada pela escola. A lei é um instrumento para validar essas identidades e mostrar que a cultura indígena é dinâmica, viva e tecnológica, não uma peça de museu.

**NOTA IMPORTANTE:** A terminologia e as diretrizes sobre povos indígenas evoluem constantemente. Em 2023, o Brasil adotou oficialmente a nomenclatura "Povos Indígenas" em substituição a "Índios". As informações legais aqui contidas referem-se ao texto da Lei 11.645/08 vigente até 2025.

# Neurociência e o Preconceito Racial

## Como o Cérebro Processa o "Outro"

Tendências educacionais de 2025 trazem a neurociência como aliada fundamental para entender o racismo. Estudos mostram que o cérebro humano possui mecanismos evolutivos rápidos de categorização de "nós" *versus* "eles", processados na amígdala, região responsável pelo medo e detecção de ameaças. O preconceito implícito muitas vezes opera nesse nível subconsciente e automático, antes mesmo que o pensamento racional (córtex pré-frontal) possa intervir. Isso explica por que mesmo pessoas que se dizem não racistas podem ter reações automáticas de estranhamento ou medo diante de pessoas de etnias diferentes.



Para a educação, essa informação é poderosa. Ela nos diz que o racismo, embora seja uma construção social, se ancora em processos neurais que foram reforçados por anos de exposição a estereótipos negativos na mídia e na cultura. No entanto, a neuroplasticidade — a capacidade do cérebro de se reconfigurar — é a chave para a mudança. A escola pode ser o ambiente onde novas associações neurais são criadas.

## Reeducando o Olhar e as Emoções

O papel da coordenação pedagógica, à luz da neurociência, é criar experiências repetidas e positivas de contato e aprendizado sobre a diversidade. Quando um aluno é exposto constantemente a narrativas de sucesso, beleza e inteligência associadas a pessoas negras e indígenas, o cérebro começa a reescrever as associações implícitas. Não se trata apenas de "ensinar tolerância" racionalmente, mas de reeducar a percepção emocional.

**A prática pedagógica antirracista é também uma prática de "higiene neurocognitiva", limpando vieses inconscientes e permitindo que a empatia e a colaboração floresçam.**

Isso justifica a importância da representatividade visual nos corredores da escola, nos livros e nos materiais digitais. Se o cérebro do aluno vê diversidade em posições de autoridade e prestígio, a "amígdala" deixa de disparar o alerta de "estranho" ou "perigoso". A prática pedagógica antirracista, portanto, é também uma prática de "higiene neurocognitiva", limpando vieses inconscientes e permitindo que a empatia e a colaboração floresçam.

### Amígdala

Processa medo e categorização rápida

### Córtex Pré-Frontal

Pensamento racional e controle de impulsos

### Neuroplasticidade

Capacidade de criar novas conexões neurais

# Educação Antirracista: Uma Postura Ativa

## A Diferença entre Não-Racista e Antirracista

É crucial para o coordenador pedagógico clarificar essa distinção para sua equipe. Ser não-racista é uma postura passiva: é o indivíduo que não ofende, não discrimina abertamente, mas que muitas vezes se omite diante das estruturas que perpetuam a desigualdade. Já ser antirracista é uma postura ativa, política e pedagógica. É a ação deliberada de identificar, desafiar e mudar valores, estruturas e comportamentos que perpetuam o racismo.

<b>Não-Racista</b>	<b>Antirracista</b>
<b>Postura Passiva</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Não ofende</li><li>• Não discrimina abertamente</li><li>• Omite-se diante de estruturas</li><li>• Mantém o status quo</li></ul>	<b>Postura Ativa</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Identifica estruturas racistas</li><li>• Desafia valores discriminatórios</li><li>• Age para mudar comportamentos</li><li>• Transforma a realidade</li></ul>

Na prática escolar, isso significa que não basta o professor não fazer comentários preconceituosos. Ele deve analisar seu plano de aula e perguntar: "Onde estão os autores negros aqui? Por que só apresento a Europa como berço da civilização?". A gestão escolar antirracista revisa seus processos de contratação, suas festas, suas normas disciplinares e até a disposição do espaço físico, buscando ativamente eliminar barreiras invisíveis.

## O Currículo Oculto e o Silenciamento

O racismo na escola muitas vezes não se manifesta em gritos, mas no silêncio. Ele vive no "currículo oculto" — aquelas lições que são ensinadas sem estarem escritas nos livros. Quando a escola não reage a uma piada racista, o currículo oculto ensina que aquilo é aceitável. Quando os únicos funcionários negros da escola estão na limpeza e na segurança, e nunca na direção ou na coordenação, o currículo oculto ensina qual é o "lugar" social de cada grupo.

### **Manifestações do Currículo Oculto**

- Silêncio diante de piadas racistas
- Expectativas menores sobre alunos negros
- Punições mais severas para estudantes negros
- Ausência de representatividade em cargos de liderança
- Naturalização de apelidos pejorativos

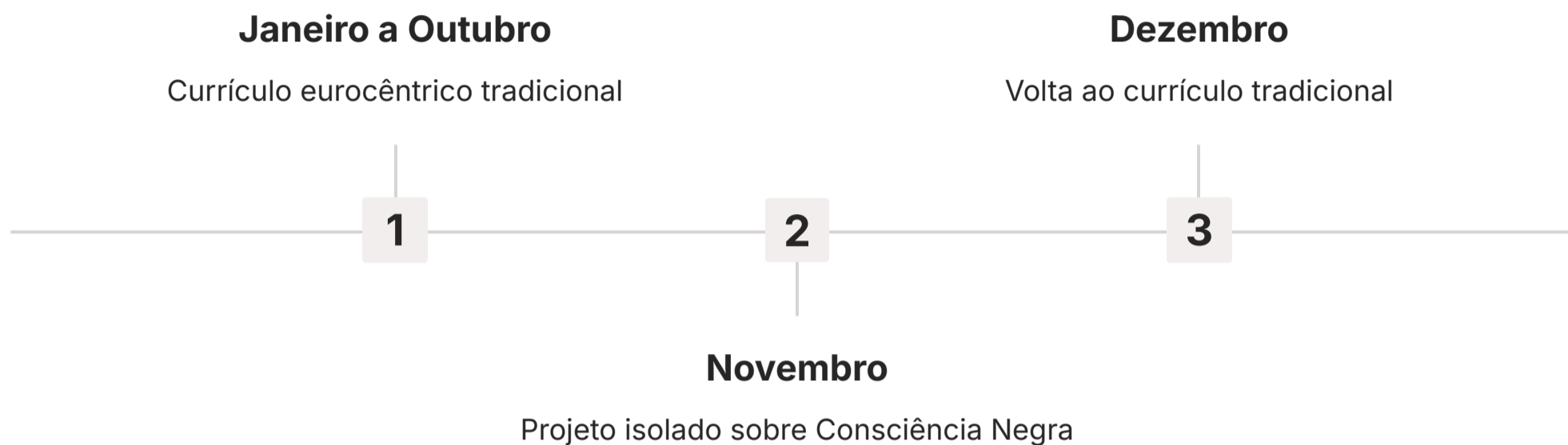
O coordenador pedagógico deve atuar como um auditor desse currículo oculto. Isso envolve observação de sala de aula, escuta ativa dos estudantes e das famílias e a coragem de ter conversas difíceis com a equipe. Transformar a cultura escolar exige trazer o invisível para a visibilidade, nomeando o racismo quando ele ocorre e utilizando o conflito como alavanca para o aprendizado coletivo e a mudança institucional.

*"Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista."* — Angela Davis

# Integração Curricular Transversal

## Superando a Pedagogia de Eventos

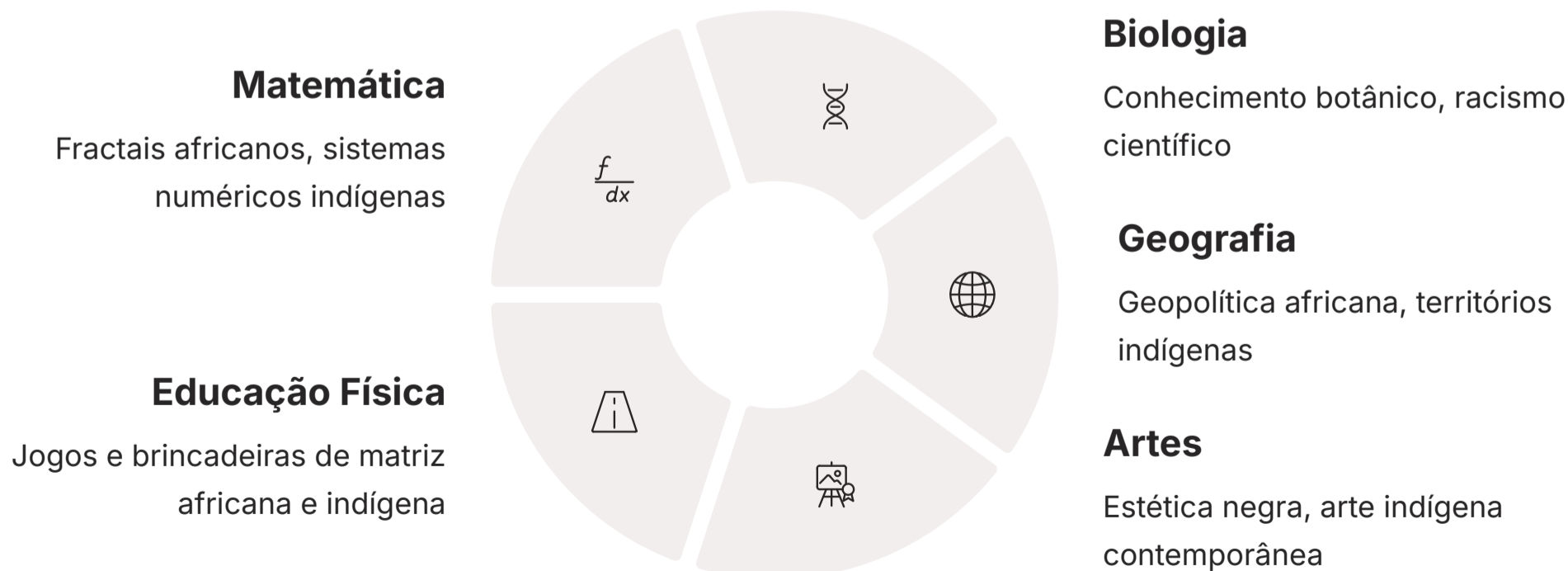
Um dos erros mais comuns na implementação das Leis 10.639 e 11.645 é a "pedagogia de eventos" ou o "turismo cultural". Isso ocorre quando a escola passa o ano todo ensinando um currículo eurocêntrico e, apenas no dia 20 de novembro (Consciência Negra) ou em abril (Povos Indígenas), realiza projetos isolados. Essa prática, embora bem-intencionada, pode reforçar a ideia de que a história negra e indígena é um "adendo", algo exótico e separado da história "normal".



**Essa abordagem está ERRADA!** A coordenação deve orientar para a transversalidade. Isso significa que a história da África e a cultura indígena devem permear o ano letivo inteiro e todas as disciplinas. Em Matemática, pode-se ensinar sobre os fractais nas construções de aldeias africanas ou os sistemas numéricos maias. Em Biologia, o conhecimento botânico e farmacológico dos povos indígenas brasileiros. Em Geografia, a geopolítica do continente africano atual, fugindo da visão de miséria e focando em suas potências econômicas e culturais.

## O Papel de Todas as Disciplinas

A responsabilidade não é exclusiva do professor de História ou Literatura. O coordenador deve trabalhar com a equipe de Ciências Exatas e Biológicas para descolonizar seus currículos. A Ciência, muitas vezes vista como neutra, tem vieses históricos. Discutir o racismo científico do século XIX, por exemplo, é uma forma de trazer o tema para a aula de Biologia.



Na Educação Física, além dos esportes hegemônicos, deve-se incluir jogos e brincadeiras de matriz africana e indígena, trabalhando a corporalidade de forma diversa. Nas Artes, estudar a estética negra não apenas como folclore, mas como escola artística com técnicas, conceitos e influências contemporâneas. O papel do coordenador é fornecer materiais e ideias para que o professor de Química, por exemplo, sinta-se seguro para falar sobre a tecnologia do ferro em civilizações africanas antigas.

# Materiais Didáticos e Práticas Pedagógicas

## Análise Crítica de Livros e Recursos

O livro didático ainda é o principal recurso de muitos professores. O coordenador deve liderar momentos de análise crítica desses materiais. É necessário verificar: As imagens mostram negros e indígenas em situações de família, trabalho intelectual e lazer, ou apenas em situações de pobreza e escravidão? As narrativas históricas dão voz aos oprimidos ou apenas aos vencedores?

### Checklist para Análise de Materiais Didáticos

- ✓ Representatividade visual diversificada?
- ✓ Negros e indígenas em posições de prestígio?
- ✓ Narrativas que dão voz aos oprimidos?
- ✓ História da África pré-colonial incluída?
- ✓ Diversidade de etnias indígenas representada?
- ✓ Contribuições científicas e culturais destacadas?
- ✓ Linguagem livre de estereótipos?

Caso o material adotado pela escola ou rede de ensino seja deficiente, o coordenador não deve apenas criticar, mas propor a curadoria de materiais complementares. Hoje, com a cultura digital, o acesso a filmes, documentários, podcasts e literatura afro-brasileira e indígena é vasto. Criar um banco de recursos digital na escola, onde professores podem compartilhar materiais validados, é uma estratégia de gestão eficiente para suprir as lacunas dos livros tradicionais.

## A Literatura como Janela e Espelho

O conceito de "janelas e espelhos", proposto por pesquisadores da educação, é fundamental aqui. A literatura deve funcionar como um **espelho** onde a criança negra e indígena se vê refletida, validada e protagonista, fortalecendo sua identidade. Ao mesmo tempo, deve funcionar como uma **janela** para a criança branca, permitindo que ela enxergue realidades diferentes da sua e desenvolva empatia e respeito pela alteridade.

### Espelho

#### Para crianças negras e indígenas:

- Veem-se refletidas nas histórias
- Protagonistas que se parecem com elas
- Validação de sua identidade
- Fortalecimento da autoestima

### Janela

#### Para crianças brancas:

- Enxergam realidades diferentes
- Desenvolvem empatia
- Aprendem sobre diversidade
- Constroem respeito pela alteridade

A biblioteca escolar e as salas de leitura devem ser auditadas sob essa perspectiva. O coordenador deve incentivar a aquisição de obras de autores como Conceição Evaristo, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Chimamanda Ngozi Adichie, entre outros. A hora do conto na Educação Infantil, por exemplo, é um momento privilegiado para introduzir heróis e princesas negros, desconstruindo desde cedo o padrão único de beleza e virtude.

#### **Autores Afro-Brasileiros**

Conceição Evaristo, Machado de Assis, Carolina Maria de Jesus, Djamila Ribeiro

#### **Autores Indígenas**

Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Graça Graúna

#### **Autores Africanos**

Chimamanda Ngozi Adichie, Mia Couto, Paulina Chiziane, Pepetela

# Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e Inclusão Étnica

## DUA como Ferramenta Antirracista

O Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) é uma abordagem que visa criar currículos flexíveis e acessíveis a todos. Em 2025, a aplicação do DUA se expande para além da deficiência, abraçando a diversidade cultural. O primeiro princípio do DUA é o "Engajamento": para aprender, o aluno precisa se sentir motivado e conectado. Se o conteúdo é culturalmente distante ou hostil à identidade do aluno, o engajamento falha.



Aplicar o DUA na perspectiva étnico-racial significa oferecer múltiplas formas de representação que incluam a diversidade cultural. Ao explicar um conceito complexo, o professor pode usar exemplos que contemplem a realidade periférica, a cultura hip-hop ou saberes ancestrais, conectando o conteúdo acadêmico ao conhecimento prévio dos estudantes. Isso valida a cultura do aluno como ponto de partida legítimo para a construção do saber acadêmico.

## Rompendo Barreiras de Aprendizagem

Muitas vezes, o baixo desempenho escolar de grupos minorizados é interpretado como déficit cognitivo ou falta de interesse. A perspectiva do DUA nos convida a olhar para as barreiras no currículo. A linguagem utilizada é excludente? Os exemplos são elitistas? A avaliação considera diferentes modos de expressão cultural?

O coordenador deve ajudar o professor a desenhar aulas onde a diversidade não seja um obstáculo, mas um recurso.

Permitir que um aluno expresse seu entendimento sobre um tema histórico através de um rap, de um cordel ou de uma narrativa oral (valorizando a oralidade das culturas africanas e indígenas) é uma forma de aplicar o DUA e, ao mesmo tempo, praticar uma pedagogia culturalmente responsiva.

### Expressão Escrita

Ensaaios, relatórios, textos acadêmicos tradicionais

### Expressão Oral

Narrativas, apresentações, podcasts, contação de histórias

### Expressão Artística

Rap, cordel, teatro, dança, artes visuais

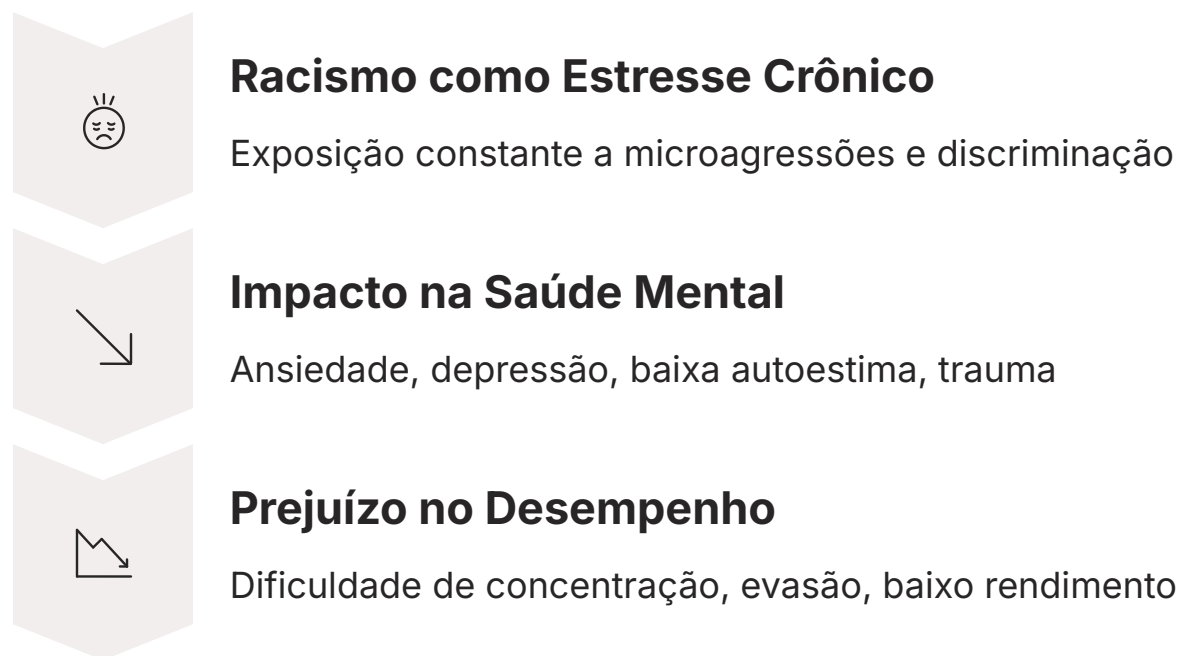
### Expressão Digital

Vídeos, infográficos, memes educativos, blogs

# Educação Socioemocional e Identidade

## O Impacto Psicológico do Racismo

A Educação Socioemocional, pilar da BNCC, não pode ser dissociada das questões raciais. O racismo é um fator de estresse crônico que afeta a saúde mental de crianças e jovens. Ele ataca o senso de autovalor, gera ansiedade e pode levar à depressão. Para o estudante negro ou indígena, a construção da identidade ocorre em um ambiente que muitas vezes nega sua humanidade ou estética.



O coordenador deve orientar a equipe a reconhecer sinais de sofrimento psíquico ligado ao racismo. Trabalhar competências como autoconhecimento e autogestão envolve ajudar o aluno a fortalecer sua identidade racial de forma positiva. Projetos que valorizem a estética negra (cabelo, traços), a história familiar e a ancestralidade são poderosas ferramentas de saúde mental e fortalecimento emocional.

## Criando Espaços Seguros de Escuta

A escola precisa ser um espaço seguro onde os alunos possam falar sobre suas experiências de discriminação sem medo de serem silenciados ou ridicularizados. A implementação de rodas de conversa, assembleias escolares e grupos de apoio mediados por profissionais preparados é essencial.

### **Competências Socioemocionais na Perspectiva Antirracista**

- **Autoconhecimento:** Fortalecer identidade racial positiva
- **Autogestão:** Lidar com situações de discriminação
- **Consciência Social:** Compreender privilégios e desigualdades
- **Habilidades de Relacionamento:** Construir alianças antirracistas
- **Tomada de Decisão Responsável:** Agir contra injustiças

Além disso, a competência de "consciência social" e "empatia" deve ser trabalhada com os alunos brancos, para que compreendam seus privilégios e o impacto de suas ações. A educação socioemocional antirracista busca formar não apenas alunos resilientes, mas também aliados na luta contra o preconceito, criando um clima escolar de respeito mútuo e acolhimento genuíno.

### **Para Alunos Negros e Indígenas**

- Validação de experiências
- Fortalecimento identitário
- Desenvolvimento de resiliência
- Espaços seguros de expressão

### **Para Alunos Brancos**

- Consciência de privilégios
- Desenvolvimento de empatia
- Formação como aliados
- Responsabilidade social

# O Papel do Coordenador: Formação Docente

## Desafios na Formação Continuada

Um dos maiores obstáculos para a implementação das Leis 10.639 e 11.645 é a falta de preparo dos professores. Muitos educadores não tiveram contato com esses temas na graduação e podem se sentir inseguros ou até resistentes, alegando que isso é "ideologia" ou que "não têm tempo". O coordenador pedagógico precisa atuar como um formador estratégico, desarmando resistências e oferecendo ferramentas práticas.

### Desafio: Falta de Formação Inicial

Professores não estudaram EREER na graduação

### Solução: Formação Continuada Sistemática

Grupos de estudo, oficinas, cine-debates regulares

### Desafio: Resistência e Insegurança

Medo de errar, alegações de "ideologia"

### Solução: Abordagem Convidativa e Prática

Compartilhamento de experiências, erro como aprendizado

A formação não deve ser punitiva, mas convidativa. O coordenador pode organizar grupos de estudos, cine-debates e oficinas pedagógicas. É fundamental trazer especialistas externos, militantes de movimentos sociais e acadêmicos negros e indígenas para falar com a equipe. A voz de quem vive a realidade tem um peso formativo insubstituível e ajuda a sensibilizar a equipe docente.

## Letramento Racial para Educadores

O conceito de "Letramento Racial" envolve a capacidade de ler, interpretar e responder às dinâmicas raciais. O coordenador deve promover esse letramento, ajudando os professores a entenderem conceitos como branquitude, colorismo, apropriação cultural e racismo recreativo.

### Branquitude

Compreensão dos privilégios associados à identidade branca e como eles operam

### Colorismo

Discriminação baseada no tom de pele dentro do próprio grupo racial

### Apropriação Cultural

Uso de elementos culturais fora de contexto sem respeito à origem

### Racismo Recreativo

Piadas e "brincadeiras" que normalizam e perpetuam o racismo

Essas formações devem ser constantes e processuais. Não se muda uma mentalidade em uma única reunião pedagógica. O coordenador deve incluir a pauta étnico-racial nas reuniões de planejamento de forma sistemática, pedindo que os professores compartilhem suas práticas, suas dúvidas e seus sucessos. Criar uma comunidade de aprendizagem dentro da escola, onde o erro é visto como parte do processo de desconstrução, é essencial para o avanço coletivo.

A formação antirracista é processual, não pontual. Exige tempo, paciência e compromisso institucional.

# O Papel do Coordenador: Cultura Institucional

## Protocolos para Incidentes Racistas

Uma escola antirracista precisa de protocolos claros. O que acontece quando um aluno comete um ato racista? Se a resposta for apenas uma suspensão genérica, perde-se a oportunidade educativa. O coordenador, junto à direção, deve estabelecer um protocolo que envolva: acolhimento imediato da vítima, notificação das famílias, sanções disciplinares (pois racismo é inaceitável e, dependendo do caso, crime) e, crucialmente, ações pedagógicas reparadoras.

01

### Interrupção Imediata

Parar o ato discriminatório e proteger a vítima

02

### Acolhimento da Vítima

Escuta ativa, validação da experiência, suporte emocional

03

### Notificação das Famílias

Comunicar responsáveis de ambas as partes

04

### Sanção Disciplinar

Medida proporcional que demonstre gravidade do ato

05

### Ação Pedagógica Reparadora

Letramento racial, reflexão, reparação à comunidade

06

### Registro e Monitoramento

Documentar o caso e acompanhar evolução

O agressor precisa passar por um processo de letramento, entender a gravidade do seu ato e, se possível, engajar-se em ações de reparação à comunidade escolar. Ignorar ou minimizar conflitos ("foi só brincadeira de criança") é uma falha grave de gestão que pode gerar responsabilidade jurídica para a escola e danos irreversíveis aos alunos.

## Gestão da Representatividade na Equipe

A coordenação pedagógica também tem um papel na análise da composição da equipe escolar. Embora a contratação muitas vezes não dependa diretamente do coordenador (especialmente em redes públicas concursadas), ele pode influenciar na distribuição de aulas, na escolha de lideranças de projetos e na visibilidade dada aos profissionais negros e indígenas da escola.

### O que FAZER

- Valorizar saberes de funcionários negros
- Distribuir lideranças de forma equitativa
- Criar espaços de protagonismo diverso
- Reconhecer contribuições de todos

### O que NÃO fazer

- Sobrecarregar professores negros com o tema
- Invisibilizar profissionais não-brancos
- Concentrar poder em um único perfil
- Tratar ERER como "missão" de alguns

Valorizar os saberes dos funcionários negros da escola, integrando-os às atividades pedagógicas quando pertinente, e garantir que a equipe docente negra não seja sobrecarregada com a responsabilidade única de lidar com o tema racial, são ações de gestão. A luta antirracista é institucional, não uma "missão" apenas dos professores negros.

**NOTA IMPORTANTE:** Em casos de injúria racial ou racismo, a legislação brasileira (Lei 7.716/89 e atualizações recentes equiparando injúria a racismo) prevê penas severas. A escola tem o dever de comunicar as autoridades competentes e o Conselho Tutelar quando necessário.

# Cultura Digital e Racismo Algorítmico

## O Racismo na Era das Redes

Em 2025, a escola não existe fora do mundo digital. O coordenador precisa estar atento a como o racismo se manifesta nas redes sociais e nos ambientes virtuais de aprendizagem. O cyberbullying com viés racial é uma realidade devastadora, com a criação de memes, figurinhas e grupos de ódio que circulam nos celulares dos alunos. A escola precisa educar para a cidadania digital, ensinando que a internet não é terra sem lei e que o respeito deve prevalecer também online.

### Cyberbullying Racial

Memes, figurinhas e mensagens discriminatórias que circulam em grupos

### Grupos de Ódio

Comunidades online que promovem discurso racista e violência

### Desinformação

Fake news que reforçam estereótipos e preconceitos raciais

Além disso, é importante discutir o "racismo algorítmico". Os alunos devem entender que as tecnologias (IA, mecanismos de busca, reconhecimento facial) são criadas por humanos e podem carregar os vieses de seus criadores. Discutir por que a busca por "cabelo bonito" vs "cabelo feio" pode trazer resultados racializados é uma forma de aliar educação tecnológica e racial.

## Inteligência Artificial e Ética

Com a popularização de ferramentas de IA generativa na educação, o coordenador deve orientar professores e alunos a usarem essas ferramentas com senso crítico. A IA pode reproduzir estereótipos históricos se não for questionada.

### Exemplos de Racismo Algorítmico

- Sistemas de reconhecimento facial que falham com pessoas negras
- Algoritmos de recrutamento que discriminam nomes afro-brasileiros
- Buscadores que associam beleza apenas a padrões eurocêtricos
- IA generativa que cria imagens estereotipadas de profissões

Projetos que envolvam a criação de conteúdo digital antirracista pelos próprios alunos — como podcasts, vídeos para o TikTok ou campanhas no Instagram — são formas excelentes de usar a cultura digital a favor da EREER. O coordenador pode incentivar o protagonismo juvenil, transformando os alunos em influenciadores digitais da diversidade e da inclusão.



### Podcasts Educativos

Alunos criam episódios sobre história afro-brasileira e indígena



### Vídeos para Redes Sociais

Conteúdo antirracista para TikTok, Instagram e YouTube



### Campanhas Digitais

Mobilização online por equidade e respeito à diversidade

# Gestão Baseada em Dados e Indicadores

## Monitorando a Equidade Racial

A gestão educacional moderna é orientada por dados. O coordenador pedagógico deve utilizar indicadores para verificar se a escola está sendo, de fato, inclusiva. É necessário desagregar os dados de desempenho, aprovação, evasão e disciplina por raça/cor.

Os alunos negros estão sendo reprovados em taxas maiores que os brancos?

Quem são os alunos mais suspensos ou punidos disciplinarmente?

Quem ocupa as vagas nas turmas avançadas ou olímpicas?

Há disparidade racial nas taxas de evasão escolar?

Se os dados mostram disparidades raciais, a escola tem um problema estrutural que precisa de intervenção pedagógica, não apenas de esforço individual dos alunos.

## Usando Dados para o Replanejamento

A análise desses indicadores deve guiar o replanejamento pedagógico. Se os alunos indígenas têm maior taxa de evasão, o que a escola pode fazer para acolhê-los melhor? Se os alunos negros têm pior desempenho em matemática, como está a expectativa dos professores e o incentivo dado a eles?

Indicador	Alunos Brancos	Alunos Negros	Ação Necessária
Taxa de Aprovação	92%	78%	⚠ Investigar
Suspensões Disciplinares	15 casos	45 casos	⚠ Revisar protocolos
Participação em Olimpíadas	65%	35%	⚠ Ampliar acesso
Taxa de Evasão	3%	12%	⚠ Ações de acolhimento

O coordenador deve apresentar esses dados nas reuniões pedagógicas (sem expor nomes, mas mostrando tendências) para chocar a zona de conforto e mobilizar a equipe para a ação. A gestão baseada em dados tira a discussão do campo do "eu acho" e coloca no campo da evidência, tornando a necessidade de uma educação antirracista incontestável e urgente.

**Dados não mentem. Disparidades raciais nos indicadores escolares revelam racismo estrutural que precisa ser enfrentado com ações concretas.**

1

### Coletar Dados

Desagregar por raça/cor

2

### Analisar Disparidades

Identificar padrões de desigualdade

3

### Planejar Intervenções

Ações pedagógicas específicas

4

### Monitorar Resultados

Avaliar impacto das ações

# Consolidação e Encerramento

## Resumo dos Conceitos-Chave

Chegamos ao final desta aula fundamental. Recapitulando nossa jornada:

### Histórico

O racismo é estrutural e a escola tem o dever de desconstruí-lo ativamente.

### Legal

As Leis 10.639 e 11.645 são conquistas que obrigam a transversalidade da história afro-brasileira e indígena.

### Neurociência

O preconceito tem raízes neurais que podem ser reescritas através da educação e convivência positiva.

### Prática

A ERER deve estar em todas as disciplinas, nos materiais didáticos e na gestão de conflitos.

### Gestão

Dados e protocolos institucionais são ferramentas essenciais para garantir a equidade.

## Perguntas para Reflexão e Autoavaliação

1. Ao analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da sua escola, a educação antirracista aparece como um eixo transversal ou apenas em datas comemorativas?
2. Como você, enquanto coordenador, reagiria se um professor se recusasse a trabalhar a temática indígena alegando "falta de material"?
3. Quais indicadores você poderia começar a coletar amanhã para medir a equidade racial na sua instituição?
4. Você se sente preparado para mediar um conflito de racismo entre alunos envolvendo as famílias? O que falta para essa segurança?

## Conexão com a Próxima Aula

A construção de uma escola democrática e inclusiva não para aqui. Na próxima aula, abordaremos outro pilar fundamental da diversidade e dos direitos humanos: **Aula 47 – Gênero e Sexualidade na Escola**. Discutiremos como combater o sexismo e a homofobia, criando um ambiente respeitoso para todas as identidades.

## Recursos Adicionais Recomendados



### Livro

"Pequeno Manual Antirracista" – Djamila Ribeiro (Leitura essencial e rápida para formação de equipe).



### Portal

Geledés – Instituto da Mulher Negra (Vasto acervo de planos de aula e artigos).



### Documentário

"Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil" (Disponível em plataformas de streaming, excelente para debate histórico).



### Site

"Povos Indígenas no Brasil" - Instituto Socioambiental (ISA) (Fonte confiável de dados e mapas atualizados).

***"Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista."***

— Angela Davis